

MAPUTO CIDADE

COMÍCIO NO DISTRITO URBANO Nº 3 – 11 DE ABRIL DE 2007

(...) Queria agradecer a população do Distrito Urbano nº 3. Queria agradecer pela forma calorosa como nos receberam. E queriam agradecer também pela grande mensagem que tem vindo a transmitir-nos. Nós ouvimos em cada canção alguma mensagem. E esta mensagem tem por objectivo reforçar a nossa unidade e dar-nos força para combatermos contra a pobreza. Mas também, a mensagem vem na dança. Vem na dança quando nós vemos as nossas crianças a exercitarem e a valorizarem os valores tradicionais seus. Ou então, as mães também quando dançam e trazem a superfície aquilo que é o nosso passado e que deve ser e continua sendo o nosso presente. Ou então, os jovens quando apresentam um coro bonito. Isso tudo nós queremos agradecer a população da cidade de Maputo, através da população do Distrito Urbano nº 3. Queria também agradecer as ofertas que aqui foram trazidas. Sabemos que oferecer não é fácil. Só oferece quem ama. Se não ama não oferece. Porque muitas vezes oferece aquilo que precisa também, mas oferece a outro. Muito obrigado por este amor. **(Palmas)**

A minha intervenção vai ser curta. Eu pensava que havia de ter muito tempo, mas não foi possível. Pelo programa que me deram, só me restam trinta e cinco minutos. Eu pensava que havia de ter uma hora e trinta minutos. Mas não é possível. Temos que aceitar a realidade. Por isso mesmo, eu vou falar pouco mas vou ouvir mais, porque essa é parte mais importante. Antes de falar pouco e ouvir mais, eu queria pedir que conhecessem os camaradas vem comigo. Que fazem parte da minha comitiva.

(seguem-se as apresentações)

Nós decidimos que vamos combater a pobreza. Quando falo de nós, estou a falar de nós povo moçambicano. Nós decidimos que vamos combater a pobreza para vencer. E nós acreditamos que vamos vencer. Por sorte, nós moçambicanos já vencemos outras batalhas no passado. Vencemos a batalha da divisão. Mondlane veio nos ensinar que a unidade é que traz a força. A unidade, dentro naturalmente da diferença. Viemos de regiões diferentes. Falamos línguas diferentes. Dançamos de maneiras diferentes. E essas diferenças todas quando são postas em conjunto, para realizar um mesmo objectivo, tornam-se uma força imbatível. A diferença – dizia Mondlane – não enfraquece. A diferença – quando é para realizarmos o mesmo objectivo – tornam-nos imbatível. Por isso, ganhamos essa batalha. Moçambique está unido: tribos; regiões; raças – tudo! Todos somos moçambicanos e valorizamo-nos como tal. A outra coisa que nós aprendemos no passado é que por causa desta unidade, nós vencemos o colonialismo. E o colonialismo foi-se embora. Passou para a história e nós vencemos. E também por causa da unidade, e porque queríamos a mesma coisa, a guerra acabou. Essas três vitórias mostram que os moçambicanos, quando querem uma coisa juntam-se e avançam determinados e vencem. E vencem. Hoje, colonialismo é história. Hoje, a guerra é história. Pois bem, nós queremos também e acredito que vamos conseguir que a pobreza seja história. Se fale como uma coisa passada, assim como dizemos: **naquele tempo nós aqui não podíamos construir casas de alvenaria. Mas agora vejamos, temos casa de alvenaria! Naquele tempos, nós não podíamos ter energia em casa. Tínhamos que funcionar com xiphexo. Hoje, já podemos começar a ter energia eléctrica.** Nós dizemos: **naqueles tempos, nós não podíamos ter escolas. Todo o Maputo só tinha duas ou três escolas secundárias. E agora, escolas secundárias são muitas. Não são suficientes, mas são muitas. Naquele tempo,**

nem havia isso. Por isso, passou para a história. Podemos dizer: **naqueles tempos, nós não dormíamos dentro das nossas casas por causa da guerra. Naqueles tempos. Mas hoje, já dormimos dentro das nossas casas.** É claro que ainda há xiguevengos que andam por aí. Mas o certo, é que passou para a história. Também chegará o momento em que vamos dizer: naqueles tempos, quando éramos pobres, quando não sabíamos se havíamos de ter almoço; quando não sabíamos que não podíamos apanhar transporte sem dificuldades... Naqueles tempos, o passado. Nós vamos fazer da pobreza o passado. E nós temos experiência. Já fizemos isso com o colonialismo. Já fizemos isso com a guerra. Agora falta fazer com a pobreza. Queria dizer isto: nós todos caminhamos para acabar com a pobreza.

Nós fizemos muita coisa para acabar com a pobreza. Muita coisa. Realizamos muita coisa. Mas sabemos também que ainda há muita coisa para fazer. Ainda há muita coisa para fazer. E muitas das coisas que ainda há por fazer, tem a ver com os obstáculos ao desenvolvimento. Os obstáculos ao desenvolvimento. Aqueles troncos – swigodos – que aparecem. Quando nós queremos ir para frente, aparece um troco. Esse tronco tem formas várias. As vezes, têm a forma de crime. As vezes, tem a forma de SIDA. Impedem-nos de avançar. As vezes aparecem sob a forma de burocracia. São coisas que impedem. Que atrasam o desenvolvimento. Que não nos fazem chegar lá rapidamente. Outras vezes é na forma de deixa-andar – **auswilondzinssa! (Palmas).**

A pessoa sofre não liga! A pessoa quer resolver um problema, não liga! E vem na famosa frase, vem amanhã! Vem amanhã! **(Palmas)**

Esses são obstáculos ao desenvolvimento. Esses são obstáculos ao desenvolvimento. É isso que atrasa a nossa luta. É isso que atrasa a nossa luta. Sabem, se alguém tem um investimento, quer construir alguma coisa – um hotel grande ou uma outra coisa qualquer importante – se vai pedir autorização e não tem autorização a tempo: vai hoje, vai amanhã, vai depois de amanhã, ele vai pegar no seu dinheiro e vai fazer noutro lado. E quantos empregos teremos perdido? Quantos empregos teremos perdido? Isso atrasa o desenvolvimento. São obstáculos que defendem a pobreza. Que vivem enquanto nós somos pobres. Nós estamos aqui na capital do nosso país. Nós estamos aqui na capital do nosso país, importa-nos ver até que ponto há diferenças? Quais são os obstáculos que persistem? E o que é que podemos fazer para todos nós em conjunto avançarmos? Avançarmos! Quais são os obstáculos que persistem? Como é que podemos lutar contra eles? Porque é difícil. Qualquer um de nós tem o obstáculo na sua cabeça e cada um de nós tem que fazer a luta para retirar esse obstáculo. Por isso, entramos na segunda fase.

Eu queria aprender da cidade de Maputo, como acelerarmos o processo? Onde estão as dificuldades e como afastarmos essas dificuldades para chegarmos lá. Mas todos nós juntos, porque a pobreza não se vai acabar com uma pessoa só. Temos que ser todos nós a acabar. Uns avançam mais. Mas mesmo assim, não faz sentido que haja um rico e os outros todos pobres. Não faz sentido. Como nós todos aqui sabemos, as vezes aparecem alguns que tem boa casa, tem um bom carro, tem boa roupa e pensa que é rico. Sozinho. Mas quando está doente, vai ao posto médico lá e não tem possibilidade de fazer uma operação. Tem que esperar. Esperar. Tem dinheiro. Pensa que é rico, mas não tem possibilidade de ser tratado. Ou então, quer estudar. Quer mandar a criança estudar. No seu bairro, ou no seu distrito, só tem até escola secundária geral do primeiro ciclo. Não há curso médio. Quer ir para o curso médio, tem que ir para outro distrito. É pobreza. Ou então, quando vai visitar os seus familiares, é ele sozinho que tem carro. Os irmãos não têm carro. Os pais não têm carro. É rico esse? **(Palmas)**

Por isso, nós todos temos que batalhar na luta contra a pobreza. Eu queria, portanto, pedir que dez cidadãos que venham aqui para poder nos ajudar com o pensamento, com a sua sabedoria, o que é que podemos fazer para avançarmos mais rapidamente. Para afastarmos os obstáculos.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Distrito Urbano nº 3 hoye!

(Hoye!)

Obrigado!

(Palmas)

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

(...) Em resolver os problemas de pobreza. E reforça a ideia de que a luta contra a pobreza é agenda nacional. É agenda dos moçambicanos. Nós vimos aqui situações ligados com água. De um lado, tubos que não deixam passar água ou que não são usados para passar água. E doutro lado, poços que não são reparados. E poços que são reparados a preços elevados. Isto põe concretamente a questão de racionalização dos nossos recursos. Porque nós devemos, como estou a ver, participar mais na discussão dos nossos problemas. É preciso propormos soluções para os problemas. Mas ao propormos soluções, é preciso que essas soluções funcionem. Felizmente, o Município – e penso também o Governo da Cidade – funcionam em governação aberta. Isto quer dizer que tem reuniões com as populações. Ouvem atentamente as preocupações das populações. E transmitem às populações as dificuldades que eles também enfrentam. Esta maneira de trabalhar tem que ser intensificada. O poder da Frelimo é um poder popular. Isto quer dizer que nós acreditamos que a população é que manda e nós somos mandatários dessa população. Por isso, de vez em quando temos que ir para lá saber se aquilo que estamos a fazer é aquilo que a população esperava ou não. E vamos para também lá para ouvir conselhos, para ver os melhores caminhos para alcançar os nossos objectivos. Isto é que é a essência da governação aberta. É acreditarmos que o nosso povo sabe. Que o nosso povo tem sabedoria. E que o nosso povo pode comunicar connosco essa sabedoria. É verdade que também nós, mandatários do povo, também temos sabedoria. Mas a nossa sabedoria só vale se estiver em sintonia com a sabedoria popular. Quando é usado para resolver os problemas populares. Quando nos permite ter sensibilidade cada vez maior sobre os problemas dos outros. É por isso que nós fazemos governação. De vez em quando irmos ouvir para ver se a água está a ferver à mesma temperatura. Para irmos aprender as novas formas de trabalhar e aqui estamos a ver a importância disso, de facto.

Aqui disse-se também sobre a questão a polícia. Polícia como uma força que não tem recursos suficientes – carro, por exemplo. A polícia como uma força que em certos momentos faz desaparecer bandidos. A polícia que umas vezes não está lá presente. Este é um desafio nosso. Nós sabemos que a polícia está fazendo todo esforço, todo o trabalho de ter mais polícias. De ter mais recursos. Mas para ter mais polícias, para ter mais recursos, não podemos esquecer do país real. E o país real em vivemos é um país em que somos pobre. Não sei se sabem, 50%, metade, daquilo que gastamos vem de fora. Isto é, outros países – o nosso também um pouco – para poder pagar professores; para poder construir hospitais; para poder construir estradas; para poder montar não sei o quê, encontram dinheiro nos impostos. Encontram nos impostos. E os impostos

permitem fazer todas essas despesas. Aqui em Moçambique, o nosso imposto só cobre metade. A outra metade, temos que pedir sempre. Portanto, somos pobres. Todos nós somos pobres. E agora, a nossa preocupação é como avançar com esta metade para depender cada vez menos de fora. E se nós conseguirmos fazer isso, havemos de verificar que as coisas vão avançar mais rapidamente. É por isso que apelamos: trabalho, trabalho. Trabalho, trabalho. E também aqueles que cobram impostos, organizar-se melhor para cobrar impostos. Há muita gente que deve pagar imposto e não pagam. Possivelmente haverá algumas empresas que devem pagar imposto e não pagam.

Por isso, para resolvermos os nossos problemas temos que ter em conta tudo isso. Desde o imposto, as fabricas, ao emprego, a polícia - tudo está ligado. Nós também vimos o problema de SIDA. Dizem que aquilo que nos mata de facto é porque não temos orelhas. Eu penso que devemos, de facto, irmos aprendendo, irmos ouvindo um pouco mais. Falou-se da questão do custo de vida. Falou-se das dificuldades que nós temos nas nossas ruas. Foram citados muito lugares – Noroeste, Malhangalene, etc. etc. Ouvimos também o problema de lixo, particularmente bem localizado na zona de Xiquelene. Ouvimos ainda falar do problema de drenagem. Que muitas coisas foram resolvidas, mas que ainda restam outras, o que é normal. Mas aqui queria referir um aspecto: sempre que nós resolvermos um problema, estamos a criar outro. Sempre. Nós temos que saber isso. A nossa capacidade de saber qual é o próximo problema é que pode nos ajudar a vencer os próximos problemas. Se nós não resolvermos o nosso problema hoje, continuaremos com esse problema. Se resolvermos o problema, vão parecer outros problemas. Isso, temos que estar prontos para isso. Por exemplo, quando havia EP1 – até 5ª classe, as pessoas diziam falta EP2. Quando se arranjou EP2, agora as pessoas dizem falta escola secundária. E depois quando pareceu escola secundária, dizem falta ensino médio. Quando se resolve um problema, nasce outro problema. Agora, é por isso que há direcção que sabe que tem que resolver este problema. E que amanhã vai aparecer outro problema e como vamos resolver este problema. E que depois de amanhã vamos resolver ainda outro problema. Por isso mesmo, nós achamos que é bom quando haja mais discussão, porque podemos prever estes problemas e estudar como vamos resolver.

Foi colocada mais uma questão. A questão das pessoas que estão na cidade e que não estão a trabalhar e que podiam trabalhar no campo. Este é um problema que deve ser estudado com muita atenção. Começamos pelo princípio. Os moçambicanos devem escolher onde querem viver. Isso é um acto de soberania. Independência é isso. Eu escolho onde quero viver. E onde eu quero viver, eu tenho direitos daquelas pessoas que vivem ali onde eu quero viver. Naturalmente, também tenho obrigações. Mas isso é fundamental. Agora, há uma segunda questão. Para resolvermos os nossos problemas, as vezes não podemos encontrar solução ali onde nós estamos. E então, devemos ver: o que é fazemos? Como resolver fazemos? Uma das formas é ocuparmos mais essas zonas verdes que temos aqui. Trabalharmos mais. Produzirmos mais. Estão a ver o que está a acontecer aqui no nosso país? Nós queremos comprar tomate; queremos comprar cebola, tem que vir de fora! Mas nós temos terra aqui a nossa volta. Temos terra a nossa volta. Porque é que nós não podemos arranjar essas coisas? Porque é que nós não podemos produzir isso? Mas o meu amigo aqui diz: bom, arranja-me tractor. Tractor, é recurso. É recurso. Não se dá tractor. Se for dado tractor, no dia seguinte vai virar com tractor. É verdade! Pega no tractor, em vez de cultivar, passa a ir passear na cidade com tractor. Quando não se transpira, não se valoriza!

Eu vou dar um outro exemplo. Temos machambas aqui, nas thovene aqui. Os que vão para machamba e trabalham, não roubam. Mas aqueles que vão lá roubar, parecem que

passaram porcos por ali. Não trabalham. Tiram tudo. Estragam tudo. Não trabalharam. É como se fosse oferecido o suor do outro. Por isso mesmo, nós devemos evitar pensar que para resolver um problema temos que pedir. **Kukhombela**. Todo o tempo pedir. Vamos lá trabalhar. Vamos trabalhar. Vamos lá trabalhar mais. Havemos de ver que vamos resolver mais problemas. Então, quando se trabalha, o tractor há-de vir, porque o tractor vai lá onde se trabalha. Não fica a espera de ir para ali onde não se trabalha. Por isso, meus irmãos, nós temos que fazer uma reflexão de transformar cada vez mais o lugar onde nós vivemos em lugar onde se produz riqueza. Isso podemos fazer. Isso podemos conseguir fazer. É só questão de decidirmos fazer.

Aqui foi falado o problema de desemprego. Sim, é verdade. O problema de desemprego é sério. É muito sério. Nós não podemos combater a pobreza, sem resolver o problema do desemprego. É por isso que estamos preocupados em atrair investimentos. Temos que atrair investimentos. Mesmo os nacionais, **loko uni maliyako** pode abrir uma fábrica, ou abrir uma machamba e empregar gente. A nossa batalha na luta contra a pobreza nós medimos pelo número de empregos que nós criamos. Por isso mesmo, queria mais uma vez agradecer-vos e dizer: deram uma grande contribuição! Nós outros compreendemos um bocadinho melhor agora as dificuldades. Muita informação já tínhamos. Mas quando as pessoas apresentam, fazem-nos ver. Fazem-nos viver o problema. E isso dá-nos força. Força para podermos continuar a avançar e dizer: afinal o caminho certo é esse para combater a pobreza. E nós vamos continuar a colocar no centro da nossa acção, o combate a pobreza. E também como grande preocupação, afastar os obstáculos ao desenvolvimento.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

SAUDAÇÃO NO CENTRO COMUNITÁRIO ABERTO. DISTRITO MUNICIPAL Nº 5, CIDADE DE MAPUTO - 9 DE ABRIL DE 2007

(...)

Eu só queria dizer algumas palavras aos nossos filhos. Aos nossos filhinhos que estão aqui e que são colhidos nesse centro para poderem aprender mais alguma coisa e para poderem sentir e criar mais amizade. Nós somos um país que ama os seus filhos. Nós somos um país que se preocupa de maneira particular pela criança. Somos um país que sofre quando vemos ou quando sabemos que há crianças nossas que também sofrem. Crianças nossas que não tem aquilo que elas gostariam de ter. É por isso mesmo que nós saudamos a ajuda daqueles que nos ajudam a amparar a nossa criança. Quero agradecer em particular a Íbis e não só por esse esforço que estão a fazer, esperando que continuaremos a ser parceiros porque infelizmente enquanto tivermos pobreza no país, problemas desta natureza, por causas diferentes vão persistir. **(Pausa)**

Agora, as crianças: vocês dançam muito bem onde é que aprenderam?

Crianças, eu vi-vos a dançarem onde é que aprenderam a dançar? **(Na escola!)**

Na escola? **(Sim!)**

Que outras coisas vocês aprendem? **(Cultura)**

O quê?

Acompanhante: Estão a referir ao tipo de danças...

Está bom. E gostam de dançar? **(Sim!)**

Haaa, eu não vi, vocês passaram a correr aqui. **(Vamos dançar!)**

O quê? **(Vamos dançar!)**

Vão dançar? **(Sim!)**

Sim, porque no princípio vocês passaram aqui a correr, então eu não vi bem. Eu só... quando eu olhava, já estava outro a vir; olhava já estava outro a vir. Mas pareceram-me que as canções vossas eram muito bonitas. Vocês também sabem ler e escrever, não é? **(Sim!)**

Todos? **(Sim!)**

Mesmo aquelas criancinhas pequeninas assim? **(Sim!)**

Onde é que aprenderam? **(Na escola!)**

Na escola? **(Sim!)**

Escrevem muita coisa? **(Sim!)**

Como quê? (...)

Como quê? (...)

O PR dirigindo-se a acompanhante: percebeste?

Acompanhante: Como palavra escola....

Ah, palavra escola! E aprendem também palavra Moçambique? **(Sim!)**

O que é que é Moçambique então? **(É um país!)**

É o quê? **(É um país!)**

É um país! Que está muito longe? **(Não!)**

Está aonde então? **(Aqui perto!)**

(palmas e risos)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique é o nosso país! Não está perto. Está aqui, dentro de cada um de nós. Compreendem? **(Sim!)**

Moçambique é país muito grande. Sai do Rovuma até ao Maputo. Não é assim? **(Sim!)**

Do Indico ao? Ao? Ao Zumbo! É um país muito grande. Tudo isso tem moçambicanos. Por isso mesmo vocês mesmo devem estudar muito para conhecer melhor este país, mas também para resolver os problemas deste país. Para Moçambique ter mais comida; para as nossas – crianças quando vocês forem adultos – não terem falta de escola; para todas as crianças terem hospital; para todas as crianças poderem dançar como vocês dançam; poderem cantar como vocês cantam; poderem estudar como vocês estudam. Esse é que é o nosso país! Muito bem, uma dança aqui pelo menos, eu quero ver antes de partir.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Criança moçambicana hoye!

(Hoye!)

Esta parte aqui está fraca: Criança moçambicana hoye!

(Hoye!)

Criança moçambicana hoye!

(Hoye!)

Muito bem. Uma dança aqui!

(segue-se a dança, acompanhado de muitas palmas)

Muito bem. Está bom. Vem cá! És um grande artista. Como é que te chamas? **(Alexandre)**

Alexandre quem? **(Alexandre dos Santos)**

Dos Santos. Muito bem. Venham cá. Este é mais velho do que tu? **(Não!)**

Como é que sabes? (risos). E tu como é que te chamas? **(Victor)**

Victor. Muito bem. E tu? **(António)**

António. Muito bem. Está bom. Continuem!

COMÍCIO DA CATEMBE, CIDADE DE MAPUTO – 10 DE ABRIL DE 2007

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Cidade de Maputo hoye!

(Hoye!)

Cidade de Maputo hoye!

(Hoye!)

Catembe hoye!

(Hoye!)

Catembe hoye!

(Hoye!)

Catembe hoye!

(Hoye!)

Amazitu yanga ya kusungula i yakukhensa antizu lowu va kaTembe vatiziki wone. Nikhensa hikusa kusukela lani hingatghasa hisvivonile lesvaku hakunene xitsungu, hambu vatrongwana, vakulu va vanhu hinkwavo vakombise kunyoxa hitinsimo ni svimbenimbeni hingasvivona. Hi xilesvo, nifanela kun'mibzela lesvaku ninyoxe ngopfu svinene. Nakhensa²⁹. (Palmas)

Xa wubidri, nitlangela svihiwa lesvi n'winganinika svone la. Asvihiwa lesvo svikombisa lirandru, alirandru ledri n'winganadru³⁰.

Kutani namunhla, mine nitavani maritunyana matrongo lawa hitakaphamelana ha wone³¹.

Kambe naningasenhlaya, kuveni nihlaya maritu lawa ningana wone, nifanela kuva nimikombisa lava vangana hine, lava niyendraka nahili xikan'we³².

Kutani nitan'mikombisa volava vanipfunaka ninganavu, lava hitirhaka xikan'we niva, niva ni marhitu wolawa hitakakombisana ha wone. Kutani loko niheta lesvo, nitan'wikombela nan'wine n'winiphamela³³.

Catembe hoye!

(Hoye!)

(Seguem-se as apresentações)

Nós todos em Moçambique estamos a lutar contra a pobreza. Lutar contra a pobreza é uma das coisas que unem todos os moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo. No passado já tivemos também coisas que nos uniram. Por exemplo, quando havia dominação colonial todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo não queriam ser colonizados. Por isso todos os moçambicanos estavam prontos para lutar contra o colonialismo. E lutamos. E vencemos. Depois houve uma coisa que também que todos os moçambicanos se sentiam da mesma maneira: quando havia guerra. Do Rovuma ao Maputo ninguém queria que houvesse guerra. E é obvio: não se podia ir a escola a vontade; não se podia cultivar a vontade; não se podia viajar a vontade; não se podia rezar a vontade. Por isso mesmo todos os moçambicanos queriam que a guerra acabasse. E a guerra acabou. Agora estamos em Paz. Neste momento que nós falamos também há uma coisa – como eu disse no princípio – que nos une. Que junta todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo, adultos e crianças, homens e mulheres – é a pobreza!

²⁹ As minhas primeiras palavras são de agradecimento pelo serviço prestado pelos habitantes de Catembe. Agradeço porque desde que cheguei, vemos realmente que a população, mesmo crianças, adultos e idosos expressaram a sua satisfação através de cânticos e outras coisas que assistimos. Assim, devo confensar-vos que estou bastante feliz. Obrigado.

³⁰ Em segundo lugar, agradeço pelos presentes que me ofereceram aqui. Estes presentes demonstram o amor, o amor que vós tendes.

³¹ Assim, hoje terei algumas palavras para partilhar convosco.

³² Contudo, antes de dizer as palavras que tenho por partilhar, devo vos apresentar os que estão connosco, as pessoas com as quais viajo.

³³ Assim, apresentar-vos-ei os meus colaboradores que comigo estão, com quem trabalho e depois quero tecer algumas palavras, as quais iremos partilhar. Depois disso, vou vos pedir que vós também partilhem comigo.

Nós todos queremos que a pobreza se vá. Nós todos queremos acabar com a pobreza. É isso que nos une. Mas nós temos sorte, porque já conseguimos também vencer outros inimigos grandes: vencemos o colonialismo; vencemos a guerra e instalamos a paz.

Quando nós falamos do colonialismo hoje falamos de História. Dizemos naquele tempo quando havia colonialismo. Já passou. Está lá fora. Está lá atrás. Só nos lembramos quando vemos uma casa construída pelo colonialismo e então dizemos “naquele tempo”. Mas é História. Nós moçambicanos já vencemos. O mesmo com a guerra. Nós hoje dizemos naquele tempo quando havia guerra. Mas a guerra já passou. É naquele tempo. Agora estamos no tempo da Paz. Também nós vamos conseguir que um dia possamos falar da pobreza como História – uma coisa que já passou, e dizermos:

- naquele tempo quando as nossas crianças não tinham sapato;
- tempo quando não tínhamos transporte para ir para machamba;
- naquele tempo quando para irmos para Maputo tínhamos que esperar muito tempo porque não havia barcos suficientes;
- naquele tempo quando não havia energia eléctrica;
- naquele tempo quando não havia telefone;

Estaremos a falar do passado. Já terá passado, porque nesta altura a maior parte da população vai ter telefone; vai ter energia eléctrica; vai ter possibilidade de transportar-se para Maputo rapidamente; as crianças vão ter sapato; os adultos também vão ter sapato; só para dar alguns exemplos. Estaremos a falar daquele tempo!

Portanto, a nossa batalha, a nossa preocupação é acabarmos com a pobreza. E para nós acabarmos com a pobreza temos que estar todos unidos. Continuarmos unidos. Mas não basta continuarmos unidos. É preciso termos os olhos muito bem abertos para vermos as coisas que estão acontecendo. Para vermos se a pobreza está a aumentar ou está a diminuir. Se a pobreza continua como antes ou se mudou um pouco. Por isso mesmo temos que ser capazes de ver. Há pessoas que têm dificuldades de ver. Só reclamam, reclamam, reclamam: não tem isto, não tem aquilo, não tem aquilo, não tem aquilo, não tem aquilo, não tem aquilo. Até dizem naquele tempo as coisas estavam melhor. E quando falam daquele tempo, estão a falar do tempo colonial: Há trinta anos! Há trinta anos! Agora, se no tempo colonial as coisas estavam boas porque é que lutamos então? Cometemos um erro! Devíamos ter deixado o colono, porque o colono tinha boas escolas: as nossas crianças todas estudavam nas escolas; havia muitos hospitais: os nossos doentes todos estavam no hospital. Não é verdade? **(Não!)**

Havia quantas escolas? Se a escola existia porque é que ele está a traduzir, se havia escola em toda a parte...

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

No passado aquilo que havia não era para nós. Nós contávamos o número de moçambicanos que tinham acesso a escola. Até no hospital havia enfermaria para indígenas e enfermaria para brancos. Não é isto que nós queríamos. Nós queríamos valorizar o homem. A pessoa ser tratada de igual. Não importa se é criança, não importa

se é adulto, se é preto, se é branco, a pessoa tem que ser dado o mesmo valor. É por isso que nós combatemos. E hoje as pessoas tem o mesmo valor E quando acontece alguém não ter valor, logo procuramos corrigir. Por isso repito: a nossa batalha é contra a pobreza. E para lutarmos contra a pobreza com sucesso temos que estar unidos. Mas também devemos ser capazes de observar: ver as mudanças que acontecem. E havemos de ver que temos mais escolas. Havemos de ver que temos mais hospitais; havemos de ver que temos mais água. Mas ainda precisamos de ter mais: aquilo que nós temos lá não é aquilo que nós queremos. Aquilo que nós temos ajuda-nos um pouco, mas nós queremos ter mais. E essa vontade de querer ter mais é que vai permitir-nos acabarmos com a pobreza. Não vamos descansar enquanto não acabarmos a pobreza. Sabem meus irmãos: há pessoas que pensam que são ricas e pensam os pobres são os outros. Pensam que os outros são pobres: “eu tenho meu carro; eu tenho a minha casa; eu tenho a roupa que quero; eu tenho geladeira, então eu não sou pobre!” é pobre sim senhor. É pobre sim senhor. Quando ele vai visitar os pais, os pais também tem isso? Tem todos? Quando vai visitar os irmãos, os irmãos têm essas coisas todas? É ele sozinho que tem. Riqueza sozinho não vale nada. A riqueza sozinho não vale nada. Não é riqueza. Temos que batalhar para todos nós sairmos da pobreza. Todos nós sairmos da pobreza. É isso que é combater a pobreza.

Por isso gostaríamos de repetir: nós podemos vencer a pobreza! Já vimos sinais de que podemos acabar com a pobreza, mas ainda temos um caminho muito longo a percorrer. Ainda hoje estivemos aí ver a distribuição daquelas juntas de bois. Os bois foram entregues a pessoas que não tinham bois. Agora as pessoas têm bois. Não quer dizer que acabaram a pobreza deles, mas são menos pobres que antes. A vida deles mudou. Mas é preciso pôr aqueles bois a produzir para poder resolver o problema da pobreza. E depois ajudar as outras pessoas a terem bois. É isso que vai ajudar a resolver o problema da pobreza. Ainda hoje estivemos naquelas casas que são para as crianças nossas necessitadas poderem viver e arranjamos pais para poder apoiar as crianças. Mas isto não resolve o problema das crianças, mas ajuda a resolver o problema das crianças. É melhor do que ontem. Ontem não havia essas casas. Quando chovia as crianças eram apanhadas em qualquer lugar. Por isso, a nossa preocupação é de se ver aquilo que está a acontecer e vermos que mais nós queremos que aconteça para poder resolver os nossos problemas. Este é o nosso objectivo. Nós moçambicanos, no passado vencemos grandes inimigos. Nós moçambicanos temos um inimigo hoje. O nosso inimigo é a pobreza. Nós moçambicanos havemos de vencer a pobreza. Para vencer a pobreza temos que estar muito unidos como irmãos, do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo. Se acontece alguma coisa a um irmão todos ficam preocupados. Ficamos todos unidos. Mas não basta. Temos que observar bem aquilo que acontece para vermos que nós temos força para vencer a pobreza.

O nosso país já não é igual ao que era antes. Agora está a mudar. E amanhã tem que continuar a mudar. E este mudar significa que aquele que não tinha casa já pode ter casa. Pode não ter a casa que quer, mas já terá uma casa melhor. Aquele que não tinha bois, já tem alguns bois. E é isso que é lutar contra a pobreza. E é isso que é a mudança. Bom, essas são as minhas primeiras palavras para a população da Catembe. E queria pedir dez cidadãos para virem partilhar connosco. Para vermos como é que podemos avançar. Porque isto que eu disse são palavras, mas no meio há obstáculos. Há muitos obstáculos: pode ser crime; pode ser burocratismo; pode ser doenças; pode ser deixar andar. Há obstáculos. Qual é a luta que nós fazemos contra obstáculos? Como é que podemos fazer essa luta? Para podermos vencer temos que estar unidos! Para podermos vencer temos também de ser capazes de ver aquilo que acontece todos os dias para

compararmos se é igual ou não daquilo que aconteceu ontem e para amanhã podermos melhorar. Então eu pedia dez cidadãos para virem para aqui. Agora os dez cidadãos que vierem para aqui podem ser crianças, podem ser adultos – naturalmente homens ou mulheres – seria bom evitar repetir aquilo que os outros tiverem dito. Assim vamos ter mais conselho. Vamos beneficiar de mais conhecimento. Obrigado! **(Palmas)**

(seguem-se as intervenções)

Moçambique boye!

(Hoye!)

Hey hiswinhingui mani!

Eu quero agradecer sinceramente esta vossa contribuição. Aqui apresentaram a situação de Catembe e falaram das dificuldades que estão enfrentando:

Primeiro houve a apresentação do problema pessoal mas um problema dramático. A pessoa que tem os seus familiares adultos que partiram e que ficaram crianças e ela é responsável por isso;

Aqui apresentaram também que o Governo trabalha bem mas na Catembe há o problema da travessia: o ferryboat só atraca quando a maré está cheia; as estradas intransitáveis: por exemplo daqui para Bela-Vista, para Dragagem, Cancana, a estrada de Viana que leva lá para Ndambine...

Também falaram da questão da água. Nós naturalmente registamos tudo isso. Vai servir de base para nós avaliarmos a situação da Catembe, para depois vermos o que é que se está a fazer e o que é que se vai fazer;

Falaram da falta de transporte para a Polícia;

Falaram da situação dos trabalhadores-pescadores que não tem seguros praticamente; Falaram em repetição no asfalto necessário para a estrada;

Falaram também da necessidade de termos uma muralha aí para proteger contra a erosão marítima naquele caminho que dá para a dragagem;

Falaram da expansão da rede eléctrica a todos os bairros; e falaram também da água limpa, água potável que ainda não está a cobrir todos os bairros;

Indicaram ainda o problema dos transportadores e motoristas que não tem condições legais de funcionar; e que há pessoas que estão ilegalmente no país; e que há pessoas que não pagam impostos; e que temos que repensar o problema dos controle, de cancela, na Polícia; e também para proteger o camarão e o peixe porque a maneira como estão a pescar este recurso vai acabar;

Falaram ainda da questão do Estádio da Emodraga;

Referiram-se ao mercado que começou a construir e que não termina a construção;

E que há falta de barcos a noite; falta de transporte para o porto ou do porto a noite em particular; falta de farmácia; falta de ambulância depois das 15: 30; falta de carro funerário e também falaram de bancos; falaram de sete milhões; e que a cidade ou município não tem plano urbano;

Falaram também da situação grave por causa do SIDA e também da necessidade de reforçar o pessoal da saúde; e que é preciso que as crianças tenham um lugar para se divertirem sem se misturar com os adultos. As outras coisas que disseram é uma repetição, mas mais ilustrada. Nós anotamos. Queríamos dizer que é exactamente por isso que a nossa agenda é contra a pobreza. Ainda há muita coisa que nos falta e nós temos que trabalhar para podermos ultrapassar isto. E uma parte do trabalho é aquilo que fizeram hoje: quando expõe os problemas, com a clareza que apresentaram. Isso dá-nos mais sensibilidade a nós e as autoridades da Cidade também. Por isso queria agradecer-vos por essa vossa contribuição. O fundamental é que nós estamos juntos na luta contra a pobreza e vamos continuar a trabalhar juntos. A nossa missão é ir reduzindo a pobreza. E só podemos alcançar isso se estivermos a trabalhar convosco e se também confiarem e trabalharem...

INAUGURAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA ARMANDO EMÍLIO GUEBUZA, BAIRRO DE CHAMANCULO – 8 DE ABRIL DE 2007

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Chamanculo hoje!

(Hoye!)

Chamanculo hoje!

(Hoye!)

Eu vou dizer umas poucas palavras. A primeira é para agradecer a honra que me concederam ao atribuírem a esta escola o meu nome. **(Palmas)**

Não há palavras para ilustrar isso. A segunda, é para agradecer aqueles que contribuíram com a iniciativa de termos uma escola aqui e com a possibilidade de concretiza-la, de materializa-la, de construí-la. Começando pelo fim, a Vodacom que mostrou a sua generosidade construindo realmente uma escola bonita, mas não só, espaçosa, e não só, uma escola com condições para formar efectivamente a nossa juventude. A iniciativa vem da IDM, da Ideia de Desenvolver Moçambique??. **(Palmas)**

Queremos também saudar isso, porque é muito importante. Aliás foi referido na intervenção ... foi referido na intervenção inicial que a IDM já vem se dedicando... É um facto. É um facto. Só para citar um exemplo teve figuras como Eduardo Chivambo Mondlane que beneficiou imenso daquilo que foi o convívio dele dentro do IDM. E de facto grande parte dos ideais que ele tem ganharam forma através da forma como ele foi integrado ou enquadrado no IDM – naquele tempo chamávamos Missão Suíça. E que fez dele aquilo que é o nome que representa a unidade do povo moçambicano, essa unidade que foi a arma que fez Moçambique alcançar a sua Independência sob sua liderança na fase inicial, antes do seu trágico assassinato em 1969. Mas mesmo depois de assassinado o nome de Eduardo Mondlane continuou a inspirar, a inspirar, a inspirar de tal modo que ainda hoje continuamos a recorda-lo com todo o respeito que ele representa para o nosso país. Eduardo Mondlane esteve naquela Igreja e eu

tive a sorte de estar naquela Igreja e ouvir o discurso que ele proferiu. Nessa altura eu ensinava, era monitor – não sei como é que chamam em português **chisongwane**. **(Palmas; Risos)**

E depois de termos ido as nossas aulas, então fomos assistir a esse encontro onde ouvimos Mondlane falar. Portanto, tem a sorte de estarem a viver perto do local ... de muitas pessoas que beneficiaram da educação, do convívio e também partilharam os ideais de Eduardo Mondlane.

Ali naquela casa lá no fundo viveu o Pastor Zedequias Manganhela. Vocês conhecem, ouvem falar que há uma rua aí chamada Zedequias Manganhela – ele era pastor desta Igreja. Também é uma figura impressionante, muito dedicada. Amava muito o Povo. E como o colonialismo – o poder colonial – não gostava que as pessoas poderosas gostassem do povo, foi barbaramente assassinado nas prisões da PIDE.

Eu, por isso neste momento gostaria de apelar aos nossos jovens, as nossas crianças, para viverem a partir de exemplos. Para beneficiarem das experiências que os outros viveram e transmitiram para que possamos – e eu também reforçaria ao desejo aqui apresentado - daqui a alguns anos dizer que aquela pessoa que está a apresentar aquele trabalho estudou nesta escola. Isso não é impossível. Depende da vontade e dedicação de cada um ou de cada uma. Isso não é impossível, porque nós moçambicanos a partir das crianças até aos mais velhos – os mais velhos começaram a dar exemplo – somos um povo excepcional. Somos um povo que faz acontecer o que quer, mesmo as coisas que parecem impossíveis. Nós somos um povo que é capaz de se libertar, conquistar a sua Independência. Na História vão aprender ou já aprenderam o que é que significava isso de virar completamente o mundo – completamente de forma que as pessoas não pudessem imaginar possível. Mas conseguimos libertar o país!

Nós moçambicanos somos um exemplo também de criar a paz, trazer harmonia entre nós. Por isso mesmo nós poderemos e certamente iremos vencer também a pobreza. E os instrumentos nossos, as pessoas que nós acreditamos que nos vão fazer chegar lá, são vocês. Esta escola é um dos elementos que vai contribuir para garantir que efectivamente as nossas crianças não tenham de andar descalços por falta de sapatos; que as nossas crianças não tenham que ir para a escola com fome por falta de comida; que as nossas crianças não possam não perder o apoio por falta de amparo no hospital por falta de hospital. Que as nossas crianças não possam sofrer por causa da pobreza. Vocês poderão fazer esta parte. Nós só estamos a iniciar, mas eu acredito que vamos conseguir. Mais uma vez, IDM está de parabéns! Vodacom certamente também está de parabéns! Mas mais do que tudo, certamente que estará a população deste bairro todo do Chamanculo que vai beneficiar deste grande presente. **(Palmas)**

COMÍCIO DA CIDADE DA MATOLA – 13 DE MAIO DE 2007

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Província de Maputo hoye!

(Hoy e!)

Província de Maputo hoye!

(Hoye!)

Cidade da Matola hoye!

(Hoye!)

Cidade da Matola hoye!

(Hoye!)

Cidade da Matola hoye!

(Hoye!)

Khanimambo! (Palmas)

Aningativa ni marbitu manyingi namubla hikusa nitele kutatadodra, kutatadodra lommu kaMatolo.

Akusungula nathlangela, kutani kulandra kuveni nin'wikombisa lava vaniheteketeke. Loko kubela lesvo, nitavani marbitunyana lava nitakan'wikombisa ha wone lesvi svinikarhataka. Lesvi nivonaka lesvaku axitrbungu xa Mosambiki xifanela akuva xisvitiva. Loko kubele lesvo, nita... na mine nitayingiseta lesvi nan'wine mujulaka kuva nisvitiva. Hikuva atiku akuva drifambisima drifanela akuve drinimavonela ya xitrbungu, ya vanhu lava vahanyaka ka tiku ledri dra hine.

Nitasungula hi kutlangela...³⁴

Eu estou muito satisfeito por me encontrar aqui. Lembro-me que estive aqui de passagem durante a campanha e que durante este momento senti que havia muita vontade, muita vontade de participar neste processo por parte daqueles que eu encontrei aqui. Por sorte marcaram esta reunião também para acontecer aqui. Por isso mesmo, quero agradecer a população da Matola pela forma calorosa e amiga como nos receberam. É uma maneira que se mostra através das danças, das canções, mas também através das mensagens que as canções e as danças nos transmitem. E a mensagem toda ela tem por objectivo garantir que nós moçambicanos saíamos da situação de pobreza. E que para nós moçambicanos sairmos da pobreza, nós precisamos confiar em nós mesmos. Se um camponês vai para machamba sem acreditar que ele tem força suficiente para cultivar e produzir, ele não vai vencer. É preciso que haja confiança em nós mesmos. E essa confiança foi nos transmitida, está nos a ser transmitida por esta população da Matola. Por isso, queria agradecer essa vossa recepção!

³⁴ Hoje, não terei muitas palavras porque vim para aprender, para aprender aqui na Matola.

Em primeiro lugar, vou agradecer, depois vou apresentar-vos os que me acompanham. Depois disso, terei algumas palavras através das quais vou apresentar-vos o que me apoia. Aquilo que considero que o povo moçambicano deve saber. Em seguida, vou...também vou ouvir aquilo que vocês querem que eu saiba. Porque, para se governar um país é necessário que haja a opinião do povo, das pessoas que vivem neste nosso país.

Começarei por agradecer....

Quero também agradecer as ofertas que foram feitas. Oferta é sempre oferta. Há quem oferece aquilo que sobretudo gostaria de oferecer, mas por causa de amor prefere entregar à aquela pessoa que ele quer. Um pouco, a oferta é sacrifício também. Nós queremos agradecer esse vosso sacrifício em nome do amor. Vou agora apresentar os companheiros que estão comigo.

(seguem-se as apresentações)

(...) Temos todos uma preocupação comum. Aquilo que une o povo é aquilo que é preocupação de cada um dos seus componentes. E nós em Moçambique uma preocupação comum desde de manhã até a noite é de que somos pobres. E quando dizemos que somos pobres, o que é que queremos dizer?

Quer dizer que há coisas básicas da nossa vida que nós não temos à nossa disposição. Ou se temos à nossa disposição, não temos em quantidade ou/e qualidade suficiente. Por isso mesmo, nós dizemos que somos pobres. Daria alguns exemplos:

Aqui em Moçambique há pessoas que têm fome e não sabem o que vão comer. É uma necessidade básica essa!

Aqui em Moçambique há pessoas que não têm a roupa que precisam. Não podem mudar de roupa quando querem. Isso é sinal de pobreza!

Aqui em Moçambique há pessoas que não bebem água potável – água limpa. Bebem no rio onde se encontram, as vezes quando chove a água se junta em pequenas lagoas. E bebem porque não têm outra água para beber. Isso é sinal de pobreza!

Aqui em Moçambique há pessoas que não têm escola. Ou então, estudaram até sétima classe mas não tem possibilidade de continuar. E acontece isso porque no lugar onde eles vivem, a escola secundária não está. Ou então, no lugar onde vivem a escola secundária do segundo ciclo não está. É sinal de pobreza esse!

Aqui em Moçambique temos pessoas que têm falta de tratamento médico adequado. A pessoa está doente tem que andar uma distância muito grande até ao hospital e quando chega lá nem sempre tem a possibilidade de ser apoiado como deve ser, porque ou faltam os médicos especialistas ou porque aquelas máquinas que são necessárias para ver o que nós temos não estão.

Aqui em Moçambique há pessoas que têm dificuldades de transporte. Não sabem se vão apanhar chapa. Não sabem se vão apanhar chapa a tempo. Aqui em Moçambique há pessoas que não têm emprego. Tem idade para trabalhar mas não têm lugar onde empregar-se.

Essas coisas todas que eu estou a dizer, mostram a pobreza. A pobreza do país. É por isso que nós dizemos que nós somos pobres. Todos nós somos pobres. Poderá haver alguém que diga mas *eu não sou pobre; eu tenbo carro; eu tenbo casa bonita, com energia. Tenbo tudo. Não tenbo falta de nada*. Mas está-se a enganar. É pobre também. É pobre também! Porque como é que alguém vai ser rico, se só ele é que tem carro? Quando anda só ele é que anda na estrada. Os outros andam a pé, a apanhar poeira. Como é que ele pode ser rico? Como é que ele pode dizer que é rico se quando ele vai visitar os familiares, chega ali e encontra pobreza só. Ele sozinho está de carro. Os pais não têm carro. Os irmãos não têm carro. Os sobrinhos não têm carro. Que riqueza é essa? (*Risos*) É pobre! Só pode esconder-se! (*Palmas*)

Essa situação de pobreza é uma situação de todos os moçambicanos. Eu vou dar outro exemplo. Alguém de repente fica doente. Tem muito dinheiro, mas não encontra hospital aqui perto para ser tratado, porque para poder ser tratado tem que ir para África do Sul. Tem que sair do país e tem que esperar o tempo que leva a tratar licença e arranjar transporte até lá. Não encontra perto o tratamento que ele precisa. Nos países ricos praticamente em qualquer lado se encontra condições para tratamento, quase tanto como nós encontramos em qualquer lado uma barraca. Mas nós para tratamento não encontramos isso. A pessoa com o seu dinheiro e a sua riqueza pode perder a vida, podendo ser-se tratado porque se sabe como tratar a doença, mas perto dali onde ele se encontra não há quem o passa fazer. Eu estou a lembrar isto por dois motivos. Primeiro motivo, é para não esquecermos que não há pobreza dos outros. A pobreza é nossa. Se nós não nos unimos para acabar com esta pobreza, a pobreza dos outros vai ficar em nossa casa. Esta é uma razão.

A segunda razão, eu penso que isso já está a diminuir, mas mesmo assim é uma razão para apresentar. Há pessoas que quando têm um pouco, fogem dos seus amigos. Fogem dos seus familiares. Não querem partilhar. Começam a descobrir defeitos: *ab essa gente andam a pedir coisas. Andam a pedir coisas, não pode ser...* Está a falar da mãe dele! Está a falar da mãe dele. Que está a pedir-lhe coisas. E ele não pode. Mas ele para crescer só recebeu coisas do pai e da mãe. Nem lhe pediram nada. Fizeram todo o esforço para ele crescer. Para ele poder ter mais alguma coisa e quando ele tem alguma coisa, a primeira coisa que faz é estar contra o pai e a mãe. Eu penso que acontece pouco agora, não sei...

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Nós temos que respeitar os nossos pais. Respeitar os nossos vizinhos. Respeitar os nossos amigos. É isso que significa respeitarmo-nos a nós mesmos. E desta maneira havemos de ajudar os outros a poder chegar onde nós chegamos, se é que nós nos encontramos em melhor situação. Ou então, podemos ser ajudados pelos outros a chegar lá onde eles chegaram. Mas o meu ponto principal volto a ele: nós todos somos pobres! Por isso, a nossa tarefa central é acabar com a pobreza. Estamos aqui na Matola, ou estamos em Cabo Delgado, ou estamos em Niassa, ou estamos em Tete ou em qualquer lado, pobreza é característica actual dos moçambicanos. É verdade que fez-se muita coisa. É verdade que se fez muita coisa. Os moçambicanos mostraram ser capazes de fazer maravilhas. Fizeram muita coisa. Muita coisa. Comparando o nosso país com alguns países que nunca passaram pela guerra, o nosso país é igual ou melhor. Apesar das guerras, apesar das calamidades, os moçambicanos fizeram maravilhas. Mas precisamos mais. *Djakuenguessela! (Risos, Palmas)*

Esta é a nossa preocupação. Temos escola mas queremos ter mais escola. Nós temos escola geral e agora queremos ter escola profissional, técnica. Temos hospital, mas aqui na Matola vamos ouvir que nosso hospital quando temos problemas grandes temos que ir até Macamo, ou Mavalane, ou Hospital Central, é longe! Também queremos ter hospital central aqui, ou geral. Não é verdade isso? Nós queremos mais. Não quer dizer que não foi feito muito. Foi feito muito, mas precisamos de mais. E porque razão? Primeiro porque o organismo exige mais, mas há outra coisa importante. É que esta terra do Rovuma até ao Maputo, com os seus rios, com as suas árvores, com a sua terra rica, com as suas montanhas, com as suas estradas, com os seus edifícios, com as suas linhas férreas, com a sua boa e maravilhosa gente – tudo isso – deve ser posto ao serviço do moçambicano. Quando chamamos pessoas de fora para virem

investirem, é certo que é para eles ganharem, mas mais certo é que também é para nós reduzirmos o nosso estado de pobreza. Porque isso é nosso. Foi deixado para nós. Os nossos antepassados deixaram isso para nós. Ninguém mais no mundo é mais dono disto do que nós. Do Rovuma ao Maputo, esta riqueza, estes recursos devem ser usado inicialmente para permitir que os moçambicanos vençam a sua pobreza e usufruam o fruto do seu trabalho plenamente. Vamos buscar investimento de fora para permitir usar melhor esses recursos, para deixarmos de ser pobres.

Há quem diga que nós africanos temos que ser pobres. Eu não acredito nisso. Nós africanos somos pobres, mas não temos que ser pobres. Nós somos pobres porque ainda não decidimos deixar de ser pobres. Nós somos pobres porque ainda não decidimos deixar de ser pobres. Com esta gente maravilhosa, com estas terras ricas, tudo nosso e ainda continuamos a ser pobres? Ainda não decidimos deixar de ser pobres. Mas nós moçambicanos temos sorte. Nós moçambicanos já mostramos no passado que quando queremos uma coisa, por mais difícil que pareça, nós alcançamos aquilo que nós queremos. Quando nós queremos vencer, nós vencemos e nós já mostramos isso no passado. Num passado recente éramos colonizados. Eles é que mandavam no nosso território. Nós acordamos um dia e dissemos: *Não! A terra deve regressar aos seus donos. A terra deve regressar aos seus donos.* Os colonos eram poderosos. Tinham, como é que se chama aquela palmatória... chigama? ...*chakukokanbama! (Palmas)*

Tinham chamboco. Não nos deixam falar. Não nos deixavam entrar nas casas deles. Construímos as casas e depois saímos e quando quiséssemos entrar de novo tínhamos que ter avental. Já não era nossa casa. Eram poderosos. Era *ntamu swinene! (Risos)*

Mas nós decidimos: *vamos acabar com isso!* E os moçambicanos acabaram. Em treze anos. Treze anos: 1962 a 75 já estavam fora, porque os moçambicanos decidiram e também porque aprendemos a lição da história. Através de Mondlane aprendemos. Aprendemos que divididos não vamos fazer nada e devemos unirnos todos. Devemos usar as nossas diferenças como uma fonte de enriquecimento mútuo. Foi isso que ajudou muito e vencemos a dominação colonial.

E depois veio a guerra. Nós todos sabemos o que é que foi a guerra. Os moçambicanos decidiram de novo: vamos acabar a guerra. Estamos em paz. Noventa e dois e agora estamos em 2007. Vamos fazer quinze anos. Nós povo moçambicano, este maravilhoso povo moçambicano decidiu que não quer guerra e decidiu que não quer ser dobrado por estrangeiro. Há muitos povos que não conseguiram fazer aquilo que nós fizemos. É por isso mesmo, nós que vemos em muito lado pessoas que procuram transformar as nossas vitórias em derrotas. Não querem acreditar que nós vencemos. Então, procuram ridicularizar o peso da nossa vitória. Procuram diminuir o peso da nossa vitória. Até procuram transformar os então traidores em heróis. Aqueles que fugiram da guerra. Aqueles que fugiram de defender os interesses do povo. Querem transformá-los em grandes heróis, grandes nacionalistas, dizem que estavam clarividentes. Tudo isso para matar o nosso orgulho. E se matam o nosso orgulho nós não seremos capazes de fazer nada. Por isso, devemos nos recordar sempre: nós vencemos o colonialismo. Nós povo moçambicano. Nós povo moçambicano vencemos a violência e a guerra. Todos nós estamos juntos. Então, nós moçambicanos estamos em condições de vencer a pobreza e havemos de vencer a pobreza. Havemos de vencer a pobreza, basta nós acreditarmos e trabalharmos para isso. É verdade que hoje temos dificuldades, mas não esqueçamos, ontem tínhamos mais dificuldades. Ontem não havia escolas. Ontem não havia hospitais. Ontem não havia estradas. Ontem não havia carros. Ontem não havia energia nos nossos bairros. Tudo isso existia para eles, o dominador de então.

Hoje essas coisas começam a chegar-nos a nós. Isso tudo construído por nós. Por nós moçambicanos. A luta é dura, mas a luta é necessária que seja feita. E se não fazemos a luta vamos ficar mais pobres. E nós queremos nos libertar da pobreza e vamos trabalhar assim.

Também sabemos que não vai acontecer num dia. Nem em dois dias. Nem num ano. Nem em três anos. É pouco a pouco. Pouco a pouco. Primeiro casa de caniço, depois casa de madeira e zinco – já foi vencida uma parte da pobreza. Depois casa de alvenaria – já se venceu uma parte da pobreza. Depois põe uma torneira ali em casa ou uma torneira aí perto. Já se avançou um bocadinho mais na luta contra a pobreza. É como na energia. Primeiro começamos com xiphefo. Depois fomos para petromax. Depois fomos para aquela coisa que a gente vê: pisa aqui e sai ali. Essa é a vitória contra a pobreza que estamos a fazer. E pode continuar a fazer até chegarmos o dia em que podemos dizer que o povo moçambicano já acabou a luta contra a pobreza. Isso pode acontecer. Isso vai acontecer. Os moçambicanos hoje dizem: *naquele tempo quando havia colonialismo*. Já passou! Naquele tempo. Ficou para a história.

Os moçambicanos hoje dizem: *naquele tempo quando havia guerra*. Já passou! Passou para história! Também haverá o dia em que vamos dizer: *naqueles tempos quando nós éramos pobres!* A pensarmos já noutras coisas, porque a pobreza terá passado para a história.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Esta é a minha preocupação. Que nós acreditemos que vamos combater e vencer a pobreza. Que já fizemos muito nesta linha, mas que sabemos que ainda falta. Mas que vamos vencer. Eu acredito que vamos vencer. Quando a gente aquilo que está a acontecer no país, acreditamos. Quem pensava que havia de haver essa Estrada que vai de Maputo para Witbank – ninguém! Aconteceu!

Quem pensava que havíamos de procurar ter energia nos nossos bairros? Hoje já lutamos para ter isso! Quem é que pensava que havíamos de ter universidades? Moçambique só tinha uma universidade e hoje temos mais de dez universidades. Quem é que pensava isso? Eles são instrumentos de luta contra a pobreza. E isso aconteceu graças ao trabalho do moçambicano. Graças ao trabalho do heróico povo moçambicano. Um povo heróico que venceu a violência. Venceu o colonialismo e vai a vencer a pobreza. Estas são algumas palavras que eu queria dizer para começar. E queria propor que haja dez cidadãos que possam vir também pôr o seu ponto de vista, que nos possam ajudar a ver o caminho. Certamente que não vamos vencer a pobreza sem dificuldades. Há obstáculos no caminho. E o que é que podemos fazer para ultrapassar e vencer esses obstáculos? O que é que podemos fazer para reforçar mais a nossa unidade? Para sofrermos com os outros quando os outros sofrem e alegrarmos com os outros quando os outros se alegram? O que é que podemos fazer para resolvermos os problemas de distâncias que nós temos? O que é que podemos fazer e como é que podemos fazer? Que dificuldades enfrentamos?

Moçambique hoje!

(Hoje!)

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Quero agradecer as contribuições que aqui foram dadas. Elas fazem-nos ver o drama e as dificuldades porque passa a população em Chicuama, Malhampsene, e também bairro da Liberdade e também mais um outro ponto na zona da PILIVI. Mas também essas dificuldades podem ser vividas por outras pessoas. Essas questões fazem-nos ver o drama daquele que sofre. Como é que as pessoas sofrem. Nós tomamos nota daquilo que aqui foi dito e também os meus conselheiros foram falando com as pessoas que apresentaram questões para poderem compreender melhor algumas informações que foram dadas. Mas como eu disse, nós tomamos nota. Tomamos nota conscientes de que os problemas que aqui foram focados reflectem a pobreza que nós temos que vencer ainda. É o programa que nós devemos ter para combater. Como disse alguém, não se espera que se vai resolver amanhã. Mas nós temos que viver com a certeza de que um dia vamos resolver este problema. Os dirigentes devem ter um plano, para verem aquilo que podem resolver hoje, e amanhã aquilo que não se pode resolver, então as pessoas saberem que isso não é possível desta vez.

Aqui falou-se da Texlom e dos problemas da Texlom. E falou-se do emprego. Aqui falou-se da situação da maternidade. E também se falou da água, estando aqui entre Maputo e Umbeluzi. Falou-se da falta de transporte e explicou-se que havia no passado um comboio. Falou-se da necessidade de hospital geral. E reproduziu-se de novo a situação de água. Aqui ouvimos um problema individual ou familiar que afecta um cidadão nosso e que tem a ver com problemas de despejo de sua casa e ele acha que era injusto e que as autoridades deviam responder rapidamente.

Aqui voltamos de novo à questão de emprego, em particular este feito com um apelo muito emocionante por parte de um jovem que diz que tem muita força; está a envelhecer com a força e esta força não está sendo utilizada. Aqui falou-se ainda também do problema de terra em Malhampsene. E repetiu-se de novo a questão do condomínio que desvia a água. Falou-se de novo, retomando a situação, os lares são destruídos por causa da situação de falta de água. Também falou-se da situação de criminalidade e a necessidade de garantir-se mais segurança. E finalmente, falou-se além da água salgada que bebem, da ponte aérea para proteger os cidadãos a atravessar aquela estrada que todos nós conhecemos. Bom, os problemas que foram colocados, como dissemos, nós registamos. De facto nós estamos em reunião agora com a província. Mesmo antes da reunião tínhamos informação aqui, informação acolá. Mas mesmo assim temos que continuar a estudar quais são os problemas que nós podemos resolver agora e quais são aqueles que nós não podemos resolver. E depois de sabermos quais são as questões que se podem resolver hoje ou amanhã, as populações serem comunicadas o que se passa. Este é um princípio fundamental da governação aberta. Na governação aberta nós beneficiamo-nos da experiência do nosso povo, e prestamos conta perante a nossa população. Infelizmente, como vimos aqui, a pobreza ainda é grande entre nós. A pobreza, é claro, não pode ser resolvida se não tivermos em conta a maior parte da população. E nós vamos continuar a lutar contra a pobreza. Aliás, a razão porque escolhemos como objectivo central da nossa governação combater a pobreza foi exactamente por causa de situações de pobreza que ainda persistem. E isso nos faz acreditar cada vez mais que temos o apoio do nosso povo nesta luta. E por conseguinte, nós vamos vencer a pobreza. E como dissemos no princípio, há inimigos antes que tivemos no passado que vencemos. Então, agora também podemos ter certeza que vamos trabalhar para vencer este inimigo do nosso povo!

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Matola hoje!

(Hoje!)

Matola hoje!

(Hoje!)

Chicuíma hoje!

(Hoje!)

Chicuíma hoje!

(Hoje!)

Muito obrigado!

(Palmas)